

Arqueólogo procura provas de uma civilização asiática no Nordeste



As pinturas das cavernas de Pizazoma, no Peru, são semelhantes às das cavernas de Altamira. Outro mistério para os arqueólogos

Reportagem de Ariadne Quint

Dois pontos o professor Armando Laroche tem seguros: no Nordeste houve uma civilização megalítica, com características asiáticas, dela exó vestígios importantes na Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte e que povos da Antiguidade fizeram a travessia do Atlântico realizando a viagem: Arricasil.

Entretanto, o professor Armando Laroche tem muitos mais interesses, dentro de um Plano de Pesquisas, aliado ao professor João de Deus de Oliveira Neto, a fim de apresentar provas «concludentes».

ARQUEOLOGIA

Partindo do conceito de que a Arqueologia é a reconstituição do passado vivido por povos desaparecidos, diz o professor Armando Laroche a exatidão dos acontecimentos é, sempre, uma tarefa difícil. Todavia, a interpretação das ruínas, dos túmulos, das inscrições ou de outros vestígios, permite a elaboração de certas conclusões mais ou menos corretas. Mas os fatos antigos, tal como os admita, situando-os no tempo e no espaço, não passam de deduções passivas de futuras reações.

«A Arqueologia é uma ciência instável e móvel. Tudo ao que emite uma opinião definitiva arrisca-se, perigosamente. Em geral, tal procedimento tem servido apenas para enaltecer vaidades pessoais, ou justificar «mitos», teimosamente enraizados».

Contrariando a opinião de muitos historiadores, que negam a presença dos asiáticos no Continente Americano, e que só admitem como escrita dos indígenas os «quipos» e, ainda, que todas as navegações realizadas, em priscas eras foram através do Oceano Pacífico, o professor Armando Laroche é de opinião que na Antiguidade foram empreendidas viagens África-Brasil. Assim, obedecendo a uma linha de raciocínio, explica que, sendo avaliada a viagem África-Brasil, na escala dos valores de outras realizações humanas protohistóricas, podemos perceber que é preciso menos esforços físicos e conhecimentos científicos para a travessia do Atlântico, do que os empregados na edificação das pirâmides do Egito, nos grandes sistemas de irrigação e mesmo em certos monumentos megalíticos.

— A viagem transoceânica se torna mais fácil quando realizada por barcos movidos a remo e à vela do que por pesados galéões de altos bornos, sobretudo pela utilização correta dos ventos e das correntes marítimas favoráveis tanto na ida como na volta, dependendo das estações do ano.

Adianta, então, que atualmente essa façanha marítima pode ser realizada facilmente por quase todos os amadores ou profissionais de vela. E tanto, que oficialmente, conhece o professor Armando Laroche, mais de 18 viagens ou África-Br 1, recentemente empreendidas por barcos de menos de 12 metros, com tripulação composta somente de duas ou três pessoas.

Dessa maneira, diz, não podemos mais duvidar das possibilidades marítimas das civilizações antigas, uma vez que documentos recentemente decifrados, provam que povos orientais, protohistóricos, eram bons navegadores e possuíam conhecimentos de Cosmografia. É um fato conhecido pelos cientistas de que a civilização da Índia, data de 4.300 anos antes de Cristo.

DILÚVIO

Folheando os seus documentos históricos resultado de oito anos de trabalho, e que serão apresentados à Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, para oficialização de suas pesquisas, o professor Laroche, lembra que na alta Antiguidade ocorreu um grande feito marítimo no tempo de segundo dilúvio, cerca de 2.500 anos A.C.

— Nessa época um grande navegador construiu um navio capaz de acomodar sua família, seus servidores, animais e viveres por várias semanas. Era impossível realizar um empreendimento dessa envergadura sem possuir uma sabedoria e conhecimentos superiores. Até mesmo as Antigas Escrituras contam essa epopeia de maneira diferente mais sempre com o mesmo fundo...

Com toda calma, diz o professor Laroche que, mesmo que o «herói» seja o Noé hebraico, o Xisutris da Babilônia, o Onfanapishtun dos sumerianos ou Nama Altatano, o fato existiu e de tal importância que várias nações reivindicam para si, esse navegador legendário.

PESQUISAS

Em seguida, lembra o professor Laroche que a pesquisa chegou a provar que no segundo milênio, no Mediterrâneo, os barcos tinham 50 metros de comprimento e que na vigésima dinastia egípcia — 1.300 A.C. — existia um príncipe mercador, Brakat II, que possuía 10 navios, navegando entre o Egito e o Sudão. E ainda, um rei Hicso, chamado Khian, faraó do Egito com o nome de Seuserana, que ostentava um título singular: aquele que aperta a terra nos braços pois seus domínios atingiam as paragens mais longínquas. Daí, o Leão de Bagdá, figurar no seu brasão.

Com referência ao tamanho dos navios do II Milênio, o professor Laroche cita o Dicionário

da Civilização — Era de F. Hazan, que traduz uma página da época, «O conto do naufrago», que expressa o orgulho dos navegadores: «em aquele se o mar Verde a bordo de um navio de 120 fôveles — 60 metros — de comprimento só 40 cotovels de largura. Esse navio era lulado por 120 marinheiros, a elite do Ex...»

Por essas citações o mestre Armando Laroche conclui que atingir a impossibilidade e a travessia do Oceano Atlântico nas épocas protohistóricas serviu apenas para justificar um mito convencional.

CIVILIZAÇÃO

Pelos estudos empreendidos pelo professor Armando Laroche, chegou a conclusão de que existiu no Nordeste a civilização Calcolítica da Idade do Cobre, adá misturada com «pedra» — e que os vestígios mais importantes estão na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco e até ao ponto ligadas ao Peru. Seu desaparecimento, no entanto, ainda é um fato a averiguar.

— Uma pesquisalinguística da língua cariri que está sendo estudada pelo professor João de Deus de Oliveira Dias, tende a demonstrar esses fatos.

Adianta que a importância dessa presença está demonstrando exames minuciosos pois se achar-se o «herói» poderá reconstituir que esses povos deviam-se à atividade de minas.

Desde o ano de 1963 o professor Laroche partiu para estudo de epígrafes e monumentos líticos, material que se encontra em toda parte. Algum material encontrado foi examinado pelo Smithsonian Institution, em Washington através do Arquivo 14. Dentro de mais um ano, seu trabalho poderá ser apresentado com provas positivas. Isso depois da legalização do Plano de Pesquisas, levantado pelo professor João de Deus, junto à Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

REPETIÇÃO

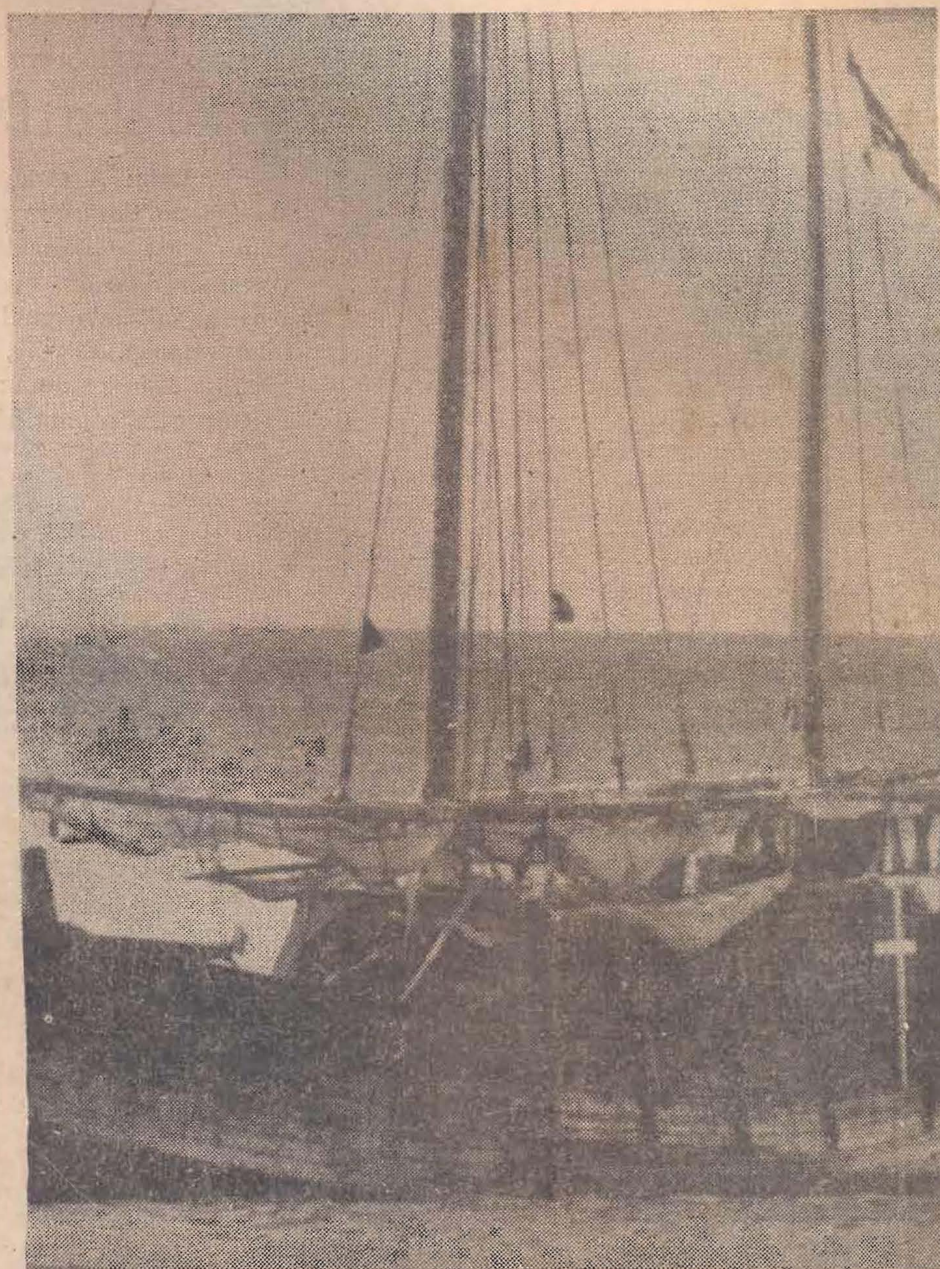
Tomando por base a evolução dos ciclos, diz o professor Laroche que a História repete sempre os mesmos fatos com uma diferença: as circunstâncias do momento em que eles surgem. Assim, é que a luta do homem pela subsistência, é a mesma de 10 mil anos, o que atrasa os programas da Ciência.

— Sobrevida, igualdade de direitos do homem e da mulher e religião representam a trilogia das preocupações do homem que sempre procura respostas para elas e, nesse particular, nunca evoluiu. Até hoje a religião procura suas respostas em fórmulas e em nome de Deus e de seus direitos os homens se digladiam.

Armando Laroche é francês, chegou ao Brasil com 12 anos de idade e somente aos 21 anos conseguiu sua naturalização. Foi aluno do Colégio Padre Félix e durante 25 anos se dedicou à navegação, tendo feito a metade do percurso entre o Brasil e a África, sozinho.

Durante 15 anos, dedicou-se ao cinema experimental, realizando filmes científicos e recebendo títulos. Dos seus filmes, resta somente uma cópia de Tocaiá Sinistra, onde fez uma preleção sobre a filiarose na Região, e que se encontra no Departamento de Doenças Tropicais da Universidade Federal.

Formado em Ciências Econômicas, estudou durante dois anos Eletrônica, nos Estados Unidos. Todavia, foi o Cinema que o despertou para a Arqueologia, pelo estudo da psicologia de formas e o geometrização das imagens, especializando-se em Antropologia Física, dedicou-se há oito anos passados às pesquisas pré-históricas de campo.



Mesmo em embarcações de menor porte como esta, semelhante a de Colombo, ficou provada a possibilidade de grandes viagens



Após as descobertas de cemitérios de escravos, os arqueólogos procuram túmulos pré-históricos, no interior pernambucano

BUSCAS A CEMITÉRIOS PRÉ-HISTÓRICOS

Do dia 18 ao dia 26, o arqueólogo Marcos Albuquerque, do Setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto das Ciências do Homem da Universidade Federal de Pernambuco, estará percorrendo os municípios de Pina de São José, Buique, Brejo da Madre de Deus, Fazenda Nova, Caruaru e Aroverde com a finalidade de descobrir cemitérios pré-históricos, dentro do seu plano de trabalho.

Dependendo do material encontrado nesse primeiro contato, o arqueólogo pretende se concentrar naquelas áreas a fim de aprofundar as suas pesquisas.

EXAMES

Os trabalhos de escavação no Sítio da Trindade com a abertura do fosso de 182 metros cúbicos de retirada de terra

e barro, foram concluídos, devendo, no próximo ano, prosseguir na ampliação do fosso que protegeu a antiga fortaleza de Matias de Albuquerque. Quanto ao material encontrado nas escavações: pregos, fragmentos de madeira, louças do século XVII, balas de canhão e de mosquete, fragmentos de cobre e de balonetas, está sendo examinado no laboratório pelo método para o estudo de séries cronológicas, contando com a participação de Veleida Lucena.

Também o relatório está na fase final de elaboração e dentro de mais alguns dias deverá ser distribuído à Imprensa Universitária.

Quanto à opinião de alguns historiadores de que o trabalho arqueológico desenvolvido no Sítio da Trindade, poderá modificar alguns conceitos da História de Pernambuco, o ar-

queólogo Marcos Albuquerque adianta que tudo dependerá de conceitos que eles possuem sobre o assunto.

Disse o arqueólogo Marcos Albuquerque que embora exista o Projeto Flamingo que se destina à recomposição dos locais onde existe a presença dos holandeses, não poderá ser cumprido de uma só vez, porquanto há necessidade de distribuição das verbas disponíveis para o cumprimento de um plano anual de trabalho que envolve outros aspectos. Assim, é que o Setor de Arqueologia foi designado para ser o representante da Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, que é um órgão do Ministério de Educação e Cultura, para assuntos de Arqueologia de Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Daí porque os projetos devam ser distribuídos nas três áreas.

Entretanto, ainda este ano, em data a ser marcada, serão iniciados os trabalhos no Arraial Novo, da Ipuatinga.